



O ATUAL CENÁRIO DE DESAFIOS E ADAPTAÇÕES SOCIOEMOCIONAIS ENTRE PROFESSORES E ALUNOS NA RETOMADA DAS AULAS PRESENCIAIS PÓS PANDEMIA

AMARO SEBASTIÃO DE SOUZA QUINTINO

Mestre do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF)

JACKELINE BARCELOS CORREA

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF)

PETERSON GONÇALVES TEIXEIRA

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF)

Resumo: Depois de dois anos de pandemia mundial, longe dos pátios das escolas e do convívio com colegas de classe, a volta ao presencial deveria representar um novo começo e, de certa maneira, ser um momento especial e muito esperado por crianças, jovens e adolescentes no que se refere a saúde mental e as lacunas de aprendizagens. Apesar de muitos terem se animado com a ideia de regressar à escola, há outros fenômenos que precisam ser estudados que acontecem no contexto escolar: insegurança, violência, agressividade, ansiedade e depressão. O objetivo do presente trabalho é pontuar os desafios encontrados no cenário pós pandêmico presencial. É bem sabido que as consequências pós pandemia continuam nas escolas gerando instabilidades emocionais, distúrbios de ansiedade, entre outras patologias e sentimentos de insegurança tanto nos alunos como nos professores. Metodologicamente foram utilizados os estudos de análise de conteúdos dos depoimentos de 5 alunos e 5 alunos professores do Ensino Fundamental de uma escola municipal, situada no interior do Estado do Rio de Janeiro, no Norte Fluminense. Concomitantemente foi feita uma ampla revisão bibliográfica nas bases de dados da *Scielo* e *Scopus*. Os resultados da pesquisa foram obtidos por meio de questionário aplicado no *Google Forms* para a análise dos conteúdos relatados pelos professores. Como resultado ficou evidenciado os diversos desafios e adaptações com a retomada das aulas presenciais pós período pandêmico. Isto posto, é fundamental redesenhar as novas perspectivas de aprendizagem, para que a equipe escolar possa romper juntos, as barreiras visíveis e invisíveis, sendo essencial a preocupação e a disposição para enfrentar os desafios pós-pandemia.

Palavras-chave: Desafios; Ansiedade; Adaptações socioemocionais; Saúde mental.



Introdução

Sabe-se que o retorno às aulas presenciais aprofundou desafios nas escolas brasileiras em relação às adaptações socioemocionais. Professores estão percebendo que seus alunos estão ansiosos, estressados e com dificuldade de aprendizagem.

No entanto, apesar de muitos terem se animado com a ideia de regressar à escola, há outros fenômenos que precisam ser estudados que acontecem no contexto escolar: insegurança, agressividade, ansiedade e depressão.

Esta proposta tem o objetivo de elencar os desafios encontrados no cenário pós pandêmico presencial e as questões voltadas ao sócio emocional dos professores e alunos.

Metodologicamente foram utilizados os estudos da Laurence Bardin (2010), análise de conteúdos dos depoimentos de 5 professores e 5 alunos do Ensino Fundamental de uma escola municipal, situada no interior do Estado do Rio de Janeiro, no Norte Fluminense. Os resultados da pesquisa foram obtidos por meio de questionário aplicado no *Google Forms* para a análise dos conteúdos relatados pelos professores. Já a pesquisa bibliográfica foi embasada nos estudos do Gil (2010-2012).

No primeiro tópico foram abordadas as lacunas de aprendizagens e os desafios de adaptações durante a retomada das aulas presenciais para alcançar os objetivos propostos no plano de ação de cada turma inserida no Ensino Fundamental. Já no segundo tópico foram apresentadas as mudanças comportamentais e a ampliação dos fenômenos de ansiedade e cansaço afetando a saúde mental de professores e alunos no retorno escolar.

E por fim, a presente pesquisa abordou a análise de resultados e as devidas considerações finais e as referências consultadas sobre a temática.

Isto posto, evidencia-se que o maior desafio e expectativa, tanto para os alunos, quanto para os professores, é adotarem juntos estratégias de acolhimento em prol da saúde mental, para que obtenha efeitos significativos na busca de um retorno embasado na afetividade e na troca de conhecimentos, de maneira que eles se sintam pertencidos ao grupo, estimulando assim a inteligência coletiva dos



alunos, a autonomia e protagonismo em sua própria aprendizagem na volta da presencialidade.

1- As lacunas de aprendizagens e os desafios de adaptações durante a retomada das aulas presenciais

Tanto os alunos como os professores sofrem com a sobrecarga de ter que dar conta das lacunas de aprendizagens como um todo, principalmente no que se refere às aprendizagens básicas do Ensino Fundamental. A educação vem passando por várias transformações e, com a pandemia, podemos constatar que ela não é mais a mesma, houve uma defasagem significativa da aprendizagem. Nesse ínterim, grandes enfrentamentos foram colocados frente à comunidade escolar, principalmente para professores e alunos.

A retomada das aulas trouxe consigo a necessidade de uma força tarefa para superar os desafios futuros, o que evidenciou novas possibilidades que envolvem as escolas, os professores e a família. (Medeiros; Carvalho, 2020)

Mediante estas mudanças educacionais, a procura por metodologias que reforcem as estratégias de ensino aumentaram devido às demandas encontradas. Pois, muitos professores e familiares procuram caminhos diferentes para ajudar os estudantes que apresentam dificuldades em acompanhar os conteúdos ainda não assimilados ou esquecidos por diversos motivos. (Zurawski *et al.*, 2020)

Em virtude dos fatos mencionados, torna-se necessário que se faça um trabalho pedagógico de maneira individual e personalizada, atuando exatamente nas dificuldades dos alunos, fazendo com que eles de fato aprendam e evoluam.

.Em relação às ferramentas e plataformas digitais, os professores estão se esforçando para utilizar e dinamizar as interações, fazendo também uso das redes sociais (*WhatsApp, Facebook, Instagram*), e as plataformas *Google Classroom, Google Meets, Zoom, Microsoft Teams*, dentre outras.

Cordeiro (2020) destaca que:

O avanço das tecnologias digitais de informação possibilitou a criação de ferramentas que podem ser utilizadas pelos professores em sala de aula, o que permite maior disponibilidade de informação e recursos para



o educando, tornando o processo educativo mais dinâmico, eficiente e inovador. O uso das ferramentas tecnológicas na educação deve ser vista sob a ótica de uma nova metodologia de ensino, possibilitando a interação digital dos educandos com os conteúdos, isto é, o aluno passa a interagir com diversas ferramentas que o possibilitam a utilizar os seus esquemas mentais a partir do uso racional e mediador da informação (Cordeiro; 2020, p. 04)

Tal situação gera considerável discrepância no aprendizado e no avanço escolar entre quem tem melhores condições socioeconômicas, e as camadas mais populares que mesmo no retorno presencial não têm acesso aos aparatos tecnológicos. Vale ressaltar que essa discrepância é histórica; no entanto, a pandemia agravou este quadro de distanciamento social. Essas questões são fortalecidas na teoria de Santana e Sales (2020) que reforça as perdas de aprendizagens dos alunos:

(...) não há dúvidas que a pandemia de *COVID-19* implicará em perdas para a educação e para aprendizagem (...) e que, desta forma, a atual gestão terá que apropriar-se deste cenário pandêmico e criar novas estratégias educacionais. Na rede pública, esse hiato é ainda maior, cabendo a cada secretaria de educação propor alternativas para o contexto de suspensão das atividades presenciais físicas, bem como o planejamento para o retorno dos estudantes”. Entende-se que o momento demanda articular novos e promissores conceitos e o enfrentamento de paradigmas que respondam às demandas incertas deste cenário educacional (Santana; Sales, 2020, p. 82).

Dado o exposto, a exigência da imersão dos professores e alunos no mundo tecnológico durante a pandemia causou um excesso do uso de telas foi absurdo. Praticamente esse ato dobrou na pandemia, prejudicando a saúde física das pessoas, principalmente os olhos, ampliando também as dores e os incômodos da postura diante da tela. (Ribeiro, 2018).

Nota-se que ao ficar mergulhado dez, doze, quatorze horas por dia em telas e redes sociais que são tóxicas, ou em joguinhos ou em vídeos, perdem habilidades sociais, o cérebro delas fica prejudicado no seu funcionamento, elas tendem a ficar cada vez mais viciadas, cada vez querer se confinar mais e tendem também a mais situações de depressão, tristeza, introspecção e isolamento. São muitos os casos que vemos de crianças e adolescentes, especialmente os mais velhos, tendo dificuldade de voltar ao mundo real (Buzen, 2020).

Por fim, percebe-se que há diversas lacunas no que tange aos desafios



de adaptações pós pandemia dos professores e alunos. Sendo assim, vale ressaltar no próximo tópico uma abordagem sobre algumas questões relacionadas aos comportamentos de ansiedade e a postura dos alunos na retomada do ensino presencial.

2- As mudanças comportamentais e a ampliação dos fenômenos de ansiedade e cansaço afetando a saúde mental de professores e alunos no retorno escolar

Com o retorno escolar houve uma epidemia de sintomas psicossomáticos, emocionais e comportamentais impressionantes percebidos pelos profissionais da escola logo no início das aulas. Os alunos começaram a melhorar quando voltaram para o convívio com outras pessoas ao ar livre, quando puderam sair do confinamento e ver outras crianças, os avós, amiguinhos, especialmente melhoraram seus comportamentos quando voltaram para o âmbito escolar, pois viviam angustiados.

Quando se aborda o assunto da angústia é comum que se relacione tal disposição a uma espécie de sentimento que estaria relativamente próximo de uma ansiedade ou um estresse com situações diárias, contudo, diferentemente do sofrimento ocasionado por estes, primariamente a angústia não possui vínculo a um objeto determinado (Heidegger, 1981).

Diferente do medo, ansiedade ou estresse, que são fatos corriqueiros, a angústia em seu sentido mais originário e fundamental se mostra justamente por não se deparar com o mundo em uma lógica causal específica, onde a existência se percebe abandonada à imprevisibilidade que permeia as condições de possibilidade daquilo que se chega como sentido ao ser-humano, de certo modo a angústia é este não-anteparo que circunda a existência (Heidegger, 2015).

Han (2017, p. 47) destaca que “(...) o cansaço de esgotamento não é um cansaço de potência positiva. Ele nos capacita a fazer qualquer coisa”. Apesar deste fato, ainda faltam estudos que estabeleçam claramente as relações entre estas variáveis e que esclareçam melhor quais os fatores pessoais e do trabalho que podem explicar as razões de alguns profissionais, principalmente os



professores parecem resistir melhor do que outros às adversidades laborais que lhes são colocadas.

O medo do fracasso, das dificuldades dos relacionamentos, do seu aspecto físico frente às constantes exigências da sociedade, fazem com que a escola não se torne apenas um ambiente de aprendizagem de conteúdos, mas um lugar de medo e angústia (Han, 2017).

Sendo assim, é de suma importância a postura das escolas ao lidar com esse retorno presencial. Ao contrário das exigências propostas pela escola, recuperar conteúdo em poucos dias é inviável.

Professores relatam que existe uma pressão psicológica que causa sofrimento nos alunos. Quando os mesmos são mal recebidos, somatizados, ao estresse dessa volta cheia de sobrecargas e exigências de conteúdos e comportamentos.

A saúde mental dos estudantes, professores, famílias, etc. foi impactada pela pandemia e por questões de distanciamento social. Cabe ressaltar que já é um fato ciente por toda a sociedade. É difícil, porém, mensurar em quais níveis, intensidades e de que maneira cada indivíduo foi atingido pelo excesso de telas ou por falta dela.

Os alunos tendem a explodir de diversas formas e isso explica o aumento de violência e agressividade nas escolas. Algumas estão propensas a explodir para dentro com sintomas de depressão, tristeza, introspecção, outras vão explodir para fora, com agressividade, rebeldia ou outro tipo de dificuldade. (Organização Pan-Americana da Saúde, 2020).

Em consequência disso, fica perceptível que as origens desses comportamentos mais agressivos e menos sociáveis dos alunos que estão voltando de dois anos em situação de estresse profundo para uma escola que está despreparada para recebê-las. Os alunos precisam de acolhimento, estão vindo de famílias que ainda estão muito estressadas, onde muitas vezes esse mal-estar não é reconhecido (Han, 2017).

Esse sofrimento, que está camuflado pelos sintomas e nos comportamentos atípicos, que quando não é reconhecido pelos professores, exacerba os sentimentos acima citados. Não há escuta, diálogo e acolhimento



para essas emoções, o que é de suma importância que a instituição escolar respeite o tempo de adaptação dos alunos.

Em suma, com o retorno às aulas presenciais faz-se necessário contar com um planejamento reestruturado, pautados em um esforço coletivo em relação às mudanças comportamentais, tanto dos professores como dos alunos, para que sejam preservadas a saúde mental de todos.

Muito se discute sobre saúde mental dos alunos e professores, faz-se necessário que todos atuem nessa tema com base na tríade alunos, família e escola com um único objetivo de superar as perdas emocionais e cognitivas e sociais que se perderam durante a pandemia, já que tiveram que mudar hábitos e rotinas, antecipar as férias escolares e interagir de forma remota com os estudantes. (Coscarelli, 2020).

As escolas precisam ser estruturadas com uma equipe pedagógica interdisciplinar para mediar as aprendizagens e também oferecer atendimento de reforço escolar para os alunos com déficit de aprendizagens, definindo estratégias para prevenir problemas de saúde mental dos seus estudantes, proporcionando-lhes uma formação completa, adequada e humanizada. (Gaiotto *et al.*, 2021; Silva *et al.*, 2021).

Em consequência disso, há uma necessidade de ações conjuntas dos profissionais em projetos transdisciplinares, não apenas nas áreas de formação, mas em todos os domínios da vida escolar (Belasco *et al.*, 2019), em prol de minimizar as defasagens causadas pela pandemia.

Portanto, é fundamental avaliar os alunos para entender o nível de aprendizagem, oferecer atividades de sondagem da aprendizagem para avaliar o desenvolvimento cognitivo durante o isolamento social.

3- Metodologia

Metodologicamente foram utilizados os estudos da Laurence Bardin (2010), análise de conteúdos dos depoimentos de 5 professores e 5 alunos do Ensino Fundamental de uma escola municipal, situada no interior do Estado do Rio de Janeiro, no Norte Fluminense. Já a pesquisa bibliográfica foi embasada



nos estudos do Gil (2002-2012) que se afinam acerca do tema, sustentam as discussões propostas nos objetivos.

Na presente pesquisa foi utilizado o método de pesquisa qualitativa descritiva, no qual centra-se no levantamento e análise das principais dificuldades enfrentadas pelos professores e alunos pós-pandemia. Os resultados da pesquisa foram obtidos por meio de questionário aplicado no *Google Forms* para a análise dos conteúdos relatados pelos professores

4- Análises e Resultados

Os resultados da pesquisa foram obtidos por meio de questionário aplicado no *Google Forms* para a análise dos conteúdos relatados pelos professores. Como resultado ficou evidenciado os diversos desafios e adaptações com a retomada das aulas presenciais pós período pandêmico.

Os depoimentos a seguir são comentários de professores: **P1, P2, P3, P4** e **P5** a respeito de suas vivências e práticas docentes após pandemia, explicitando o cenário atual e os desafios do retorno de lidar com certas situações.

P.1 - “Está uma situação tensa, pois, a defasagem está muito grande, os alunos não sabem nada. Estou tendo muita dificuldade, meu emocional abaladíssimo tem horas que penso em desistir. Chego em casa fico me cobrando, uma cobrança sem fim. (A. M. C, 32 anos)

P.2 - Olha é um leão que mato cada dia. Não aguento mais escutar isso: “ Ai, professora, tá chato, muita coisa tia, eu gostava quando ficava em casa, não fazia quase nada. A gente fazia pouca coisa”. Que isso professora, não é culpa nossa não, a gente não sabe por que não foi dado, agora a senhora quer empurrar todo conteúdo. (F. M. V, 41 anos)

P.3 - É tanta cobrança que não sei quem atendo, e escola que me pede milagre, são os pais que me pedem ajuda com os filhos (...), os alunos que me cobram todo dia atividade diferente ou a minha auto cobrança em atender a todos com excelência. Só Deus, por mim”. (T. P. A, 35 anos)

P.4 - Olha é um cansaço diante de tantas incertezas em não saber se terá jeito, passamos a ressaltar a importância desse novo olhar diante do “novo normal”. Mas é estressante, desgastante e muitas vezes inútil. Sou professora, psicóloga, médica, assistente social em uma só. Impossível dar conta. (V. C. A. T., 34 anos).



P.5- Eu acho engraçado é que somos cobradas por todo lado, mas ninguém pergunta se estamos bem, se conseguimos dar conta, se precisamos de ajuda, se temos competências e habilidades para lidar com este cenário. Estou muito desestimulada, os anos pós pandemias passam, e a situação continua na mesma. (A. S. S. Q., 36 anos).

Sendo assim, foi possível constatar nos depoimentos das professoras que há uma cobrança no que diz respeito à recuperação dos conteúdos não apreendidos pelos alunos, fato que está gerando atitudes de estresse entre os professores que se queixam que não ter apoio pedagógico para minimizar superar as defazagens das aprendizagens provocadas pela pandemia.

Pode-se afirmar que as professoras tiveram que rever os planejamentos e as avaliações, além de mudanças estratégicas nas atividades escolares considerando situações cotidianas que devem ser pautadas na ampliação de melhores condições física, social, psicológica dos mesmos.

Já os alunos apontam as seguintes observações:

A.1 - Sou uma adolescente que preciso me comunicar, ficar em casa foi muito complicado, fiquei cheia de neurose, acabei me tornando introvertida. Hoje na escola, sou muito sistemática e ninguém me leva a sério. Eu era muito acelerada, e fiquei na “câmera lenta”. Hoje em dia me chamam de pateta. Me sinto muito desestimulada em estudar. (C. A. M., 16 anos)

A.2 - Eu sou um aluno que por mais os professores digam que sou inteligente, eu acho que não, minha autoestima é muito baixa. Minha saúde mental é muito complicada, às vezes nem eu me entendo e nessa pandemia me afetou muito, fiquei cheia de síndromes, e hoje isso afeta minha interação, o que diretamente influencia em meu aprendizado. (A. M. R., 17 anos)

A.3 - Com a pandemia eu adquiri a ansiedade e o meu problema foi dito diretamente pelo médico, e eu também estive em um psicólogo que me encaminhou para uma psiquiatra que está me acompanhando e fiz até terapia familiar, mas atualmente estou melhor e estou quase a receber alta do ambulatório (N.S.Q., 17 anos)

A.4 - Meu problema pós pandemia, foi com a alimentação. Adquiri uma compulsão alimentar. Toda hora estou comendo, e devido a esse fator engordei bastante. Sinto que meus colegas de turma, me olham diferente e isso me deixa muito mal. E muitas vezes isso afeta meu aprendizado, falto bastante a escola. (U. M. G. B., 15 anos)

A.5 - Essa pandemia me deixou burro! Já tinha dificuldade, mas eu conseguia caminhar, vivia louco, com tantas aulas *on-line*, mas ia me equilibrando. Agora com o retorno presencial, vejo que não sei nada, a professora vai falando, eu fico olhando e sei que nada sei. Olha tá muito difícil. (C. C. M., 14 anos)



A partir dos depoimentos dos estudantes observou-se que após a pandemia *COVID-19* foi possível constatar diferentes agravamentos do estado de saúde mental dos mesmos. Eles relataram as diversas situações pessoais, emocionais e educacionais que aconteceram dentro e fora da escola.

Muito se discute a importância de trazer novos hábitos para serem aplicados nas práticas escolares, dentre elas um suporte profissional, mediado por uma equipe interdisciplinar para oferecer atendimentos direcionados para melhorar a condição psicológica dos alunos.

Outro fator existente que cabe ressaltar é a importância da educação sócio emocional, com um olhar de ressignificação. Ressignificar no quesito de atribuir sentido para acontecimentos por meio da mudança de visão de mundo, cientes de que não apenas a educação mudou, como o mundo por inteiro também se transformou com a pandemia do *COVID-19*.

Isso reforça a ideia de Laranjeira *et al.* (2022) que aponta que precisa-se ressignificar a escola e os espaços de aprendizagens, o que envolve entrelaçar também os espaços familiares, elaborar e aplicar atividades com o tema da educação para a paz em tema em sala de aula.

Logo, mediante os fatos mencionados é imprescindível estar atento às mudanças necessárias à promoção do bem-estar social, afetivo e cognitivo dos alunos e professores, em prol de mobilizar a comunidade escolar para uma abordagem acolhedora, para assim lidarem com as questões subjetivas e pontuais.

5- Conclusão

Diante do exposto, destacou-se os desafios encontrados pelos professores e alunos na retomada das aulas presenciais, após a pandemia em diversos fatores, entre eles: a necessidade do reforço na retomada, a saúde mental populacional e a acessibilidade em prol de uma educação de qualidade.

Pode-se mencionar que a reposição da aprendizagem só acontecerá com o apoio nas tarefas escolares por parte da família, somatizado ao



comprometimento do professor sobre estratégias para envolver o aluno no processo educativo e principalmente sobre os principais métodos avaliativos.

A pesquisa alcançou o objetivo de elencar os desafios encontrados no cenário pós pandêmico presencial e as questões voltadas ao sócio emocional dos professores e alunos.

Na análise dos relatos individuais foi possível dar voz aos sentimentos dos professores e alunos depois da retomada das aulas, que puderam relatar suas angústias durante o exercício da profissão, nesse momento desafiador na contemporaneidade.

Considera-se que o cenário atual na perspectiva dos alunos e professores carecem de acolhimento e suporte emocional para que prevaleçam a boa convivência e as relações salutaras entre ambos.

Isto posto, considera-se que a pesquisa contribuirá para novos estudos que se insiram na perspectiva de se pensar na saúde física e emocional de toda a comunidade escolar, superando os medos e desafios encontrados nesta etapa da retomada do ensino presencial.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 5ª. ed. Lisboa: Edições 70, 2010.

BELASCO, I., PASSINHO, R., e VIEIRA, V. (2019). **Práticas integrativas e complementares na saúde mental do estudante universitário**. Arquivos Brasileiros de Psicologia, 71(1), 103-111. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.ARB2019V71i1p.103-111> Acesso em: 23 jan. 2024.

BUNZEN, C. **O ensino de língua materna em tempos de pandemia**. In: RIBEIRO, Ana Elisa; MATTOS VECCHI, Pollyanna de (Org.). Digitais e escola: reflexões no projeto aula aberta durante a pandemia. São Paulo: Parábola, 2020. p. 21-30.

CORDEIRO, K. M. A. **O Impacto da Pandemia na Educação: A Utilização da Tecnologia como Ferramenta de Ensino**. 2020.

COSCARELLI, C. V. **Ensino de língua: surtos durante a pandemia**. In: RIBEIRO, Ana Elisa; MATTOS VECCHIO, Pollyanna de (Org.). Tecnologias Digitais e escola: reflexões no projeto aula aberta durante a pandemia. São Paulo: Parábola, 2020. p. 15-20.

GAIOTTO, E., TRAPÉ, C., Campos, C., FUJIMORIL, E., CARRER, F,



NICHIATA, L., CORDEIRO, L., BORTOLI, M., YONEKURA, T., TOMA, T., e SOARES, C. (2021). **Resposta a necessidades em saúde mental de estudantes universitários: uma revisão rápida**. Revista Saúde Pública, 55, 114. Disponível: <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2021055003363> Acesso em: 23 jan. 2024.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de Pesquisas sociais**. 6 ed. São Paulo. Atlas. 2012.

HAN, B. C. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

HEIDEGGER, M. **Todos nós... ninguém: um enfoque fenomenológico do social**. São Paulo: Moraes, 1981.

LARANJEIRA, C., DIXE, M. A., VALENTIM, O., CHAREPE, Z., & QUERIDO, A. (2022). **Mental health and psychological impact during COVID-19 pandemic: An online survey of Portuguese higher education students**. Environmental Research and Public Health, 19(1), 337. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/IJERPH19010337> Acesso em: 23 jan. 2024.

MEDEIROS, R. C. R.; CARVALHO, M. J. C. (2020). **Educação básica em tempos de pandemia**. In: Pedagogia em Ação, 13(1), 133-144.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Proteção da saúde mental em situações de epidemias**. Disponível em: <http://new.paho.org/hq/dmdocuments/2009/Protecao-da-Saude-Mental-em-Situacionesde-Epidemias--Portugues.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2024.

RIBEIRO, A. E. **Escrever, hoje: Palavra, imagem e tecnologias digitais na educação**. São Paulo: Parábola, 2018.

SANTANA, C. L.; SALES, K. M. B. **Aula em casa: educação, tecnologias digitais e pandemia COVID-19**. In: Revista Interface Científica – Educação, v. 10, n. 1, 2020: número temático – cenários escolares em tempo de COVID-19.

ZURAWSKI, R. L.; BOER, N.; SCHEID, N. M. J. **O professor e os novos contextos de ensino: uma abordagem teórico-metodológica em tempos de pandemia**. In: Disciplinarum Scientia| Ciências Humanas, v. 21, n. 2, p. 81-93, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumCH/article/view/3446> Acesso em: 23 jan. 2024.